

SEÇÃO ARTIGOS

Borbulhos cortantes na Geografia escolar

Sharp bubbles in school Geography

Borbuja cortantes em la Geografía escolar

DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v12i25.65989>

 [Cláudia Melatti](#)¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Rio Grande do Sul, Brasil
e-mail: melatticlaudia@gmail.com

 [Ivaine Maria Tonini](#)²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Rio Grande do Sul, Brasil
e-mail: ivaine@terra.com.br

Resumo

Este estudo tem a intenção de refletir como as políticas neoliberais permeiam o espaço educacional por meio de práticas que sujeitam e dominam os territórios vividos pelos estudantes. O objetivo deste trabalho é propor um exercício de pensamento que protagonize uma Geografia capaz de contribuir para a apropriação de territórios vividos pelos estudantes a ponto de transformá-los em lutas sociais. O caminho trilhado para essa intencionalidade foi traçado em solo teórico dos estudos pós-estruturalistas em educação, os quais não seguem procedimentos lineares e rígidos, eles se mantêm abertos para que os próprios caminhos da pesquisa possam desenhar trajetórias apresentadas durante o processo investigativo sobre experiências escolares. A discussão está dividida em dois eixos: primeiro é sobre a escola como território para ensinar Geografia e o segundo aborda os impactos das recentes políticas educacionais no ensino da Geografia. Embora distintos, ambos os eixos convergem para posicionar a Geografia como a ciência capaz de expandir novos horizontes e construir conhecimentos que impulsionem a transformação social.

Palavras-chave

Geografia; Ensino; Políticas Educacionais; Neoliberalismo.

¹ Professora da Rede Pública do Paraná e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Linha de Pesquisa Ensino em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Linha de Ensino em Geografia na UFRGS.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

This study aims to reflect on how neoliberal policies permeate the educational space through practices that subject and dominate territories lived by students. The objective of this work is to propose a thought exercise that features a Geography capable of contributing to the appropriation of territories lived by students to the point of transforming them into social struggles. The path taken towards this intentionality was based on the theoretical post-structuralist studies in education, which do not follow linear and rigid procedures to be followed, but is opened to allow research paths to design trajectories presented during the investigative process on school experiences. The discussion is divided into two axes: the first one is about the school as a territory for teaching Geography; the second one addresses the impacts of recent educational policies on the teaching of Geography. Although distinct, both aspects converge to set Geography as the science capable of expanding new horizons and constructing knowledge that promotes social transformation.

Keywords

Geography; Teaching; Educational Policies; Neoliberalism.

Resumen

Este estudio tiene la intención de reflexionar sobre como las políticas neoliberales impregnan el espacio educativo a través de prácticas que subordinan y dominan los territorios vividos por los estudiantes. Proponemos un ejercicio de pensamiento que sitúe a la Geografía como protagonista, capaz de contribuir a la apropiación de los territorios vividos por los estudiantes hasta el punto de transformar los en luchas sociales. El camino recorrido hacia esta intencionalidad se trazó en el terreno teórico de los estudios post estructuralistas en educación, los cuales no siguen procedimientos lineales y rígidos, sino que permanecen abiertos para que los propios caminos de investigación puedan diseñar trayectorias que se presenten durante el proceso investigativo sobre las experiencias escolares. La discusión se divide en dos ejes: El primero trata sobre la escuela como territorio para la enseñanza de La Geografía y el segundo aborda los impactos de las recientes políticas educativas en la enseñanza de la Geografía. Aunque distintos, ambos aspectos convergen en posicionar a la Geografía como la ciencia capaz de ampliar nuevos horizontes y construir conocimientos que impulsen la transformación social.

Palabras clave

Geografía; Docencia; Políticas Educativas; Neoliberalismo.

De onde partimos

No dia a dia constantemente nos deparamos com situações de toda a ordem impensadas nas décadas anteriores. São transformações sentidas em diversos setores, sejam eles econômicos, ambientais ou culturais, enfrentando o que Couldry (2020) denomina de crises cruzadas, isto é, um conjunto de crises que se entrecruzam e afetam a todos. Podemos citar como exemplo as crises climáticas, étnicas, religiosas e territoriais, que repercutem em migrações forçadas e guerras infundáveis. Diante desta constatação, a expressão “borbulhos cortantes” no título deste artigo é proposital, em razão de entendermos que aquilo que nos afeta não está separado do pensamento da vida (Albuquerque Júnior, 2019). Assim, os cortes temáticos trazidos neste artigo são os que nos interessam e que nos tocam enquanto professoras

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

para serem escritos como reflexões, a partir dos longos anos de experiências em sala de aula, de modo que borbulhem pensamentos direcionados à práticas escolares com significados mais efetivos para formação dos estudantes.

Por entre crises cruzadas permeia a crise educacional que, agravada pelas políticas neoliberais, provoca um descompasso na busca e construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Esse modelo de educação segrega cada vez mais o estudante da escola pública, negligencia seu modo de vida, seu cotidiano, além de não reconhecer as próprias dificuldades com que populações menos favorecidas enfrentam para permanecer na escola e ter direito a uma educação de qualidade.

Por isso, este texto se propõe a tencionar o modo como as políticas neoliberais atravessam o espaço educacional por meio de práticas que sujeitam e dominam os territórios vividos pelos estudantes. Diante disso, o foco central do texto é estabelecer reflexões entrecruzadas com as políticas neoliberais e as práticas escolares, com objetivos específicos de abordar atividades pedagógicas capazes de estabelecer conexões com os territórios dos estudantes e compreender como as políticas neoliberais impactam a sala de aula.

Buscamos perceber como a Geografia, através de um pensamento transgressor, pode contribuir para a apropriação dos territórios vividos, por meio de práticas que capturam os acontecimentos presentes em uma aula tornando possível deter o cotidiano vivido pelos estudantes e transformá-los em lutas sociais.

A discussão trazida para este texto possui dois eixos: o primeiro trata a escola como território para ensinar Geografia; o segundo versa sobre os impactos das recentes políticas educacionais no ensino da Geografia. O ponto que os aproxima é a busca da compreensão sobre as forças atuantes que delimitam os territórios estudantis para protagonizar a Geografia como uma das linhas de deslocamento, a fim de atingir outras miradas que conduzem a novos horizontes, mais humanos e passíveis de transformação social. Assim, como espaço constituído de múltiplas trajetórias, a Geografia também é diversa, capaz de analisar os eventos que se atravessam por este espaço nunca fechado, produto das relações sociais, com resultados não previstos, elementos potenciais do acaso (Massey, 2008).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Para tanto, o trajeto percorrido está ancorado nas metodologias pós-estruturalistas em educação, as quais permitem estabelecer exercícios analíticos num ziguezaguear com os achados (Paraíso, 2012). Isto é, o caminhar se faz no encontro dos dados, não existe uma rigidez metodológica inicial. Para a autora, “aceitamos trabalhar com o que sentimos, vemos, tocamos, manuseamos e escutamos em nosso fazer investigativo” (Paraíso, 2012, p. 42), ou seja, a pesquisa é aberta e aceita diferentes traçados.

Borbulho 1 - Pensar a escola como território de formação social do sujeito estudante

É oportuno destacar que a escola ainda é o local de possíveis transformações sociais. É nela que crianças, adolescentes, jovens e adultos buscam conhecimento e interação. Os estudantes almejam, a partir de sua passagem pela escola, um futuro promissor e, mesmo que o espaço escolar não seja o mais desejável, frequentá-lo já gera possibilidades de esperar.

Presenciamos ao longo dos anos no Brasil o incremento dos discursos políticos em prol de uma educação de qualidade, principalmente em períodos eleitorais, nos quais os olhos se voltam para a escola e o *slogan* de que a educação é capaz de transformar a sociedade é difundido pelas diferentes mídias. Desse modo, há preocupações com o futuro da educação pública no país, entretanto, as ações para promover a autonomia dos estudantes transcorrem em demasiada lentidão.

Como um reflexo deste contexto, em um espaço muitas vezes pouco acolhedor, as escolas públicas brasileiras seguem suas trajetórias subordinadas pela lógica neoliberal. Muitas delas se encontram com ambientes reduzidos, transformando bibliotecas em laboratórios de informática e planejamento docente em plataformas digitais.

Larossa (2017) tece uma crítica em relação à redução dos espaços de leitura nas escolas. Para o autor, a biblioteca tem cada vez mais diminuído seu espaço exclusivo para leitura, o que acarreta à um distanciamento do estudante em relação à esse universo. A readaptação da biblioteca com aparelhos digitais como computadores e *tablets* é necessária, observando que é importante que um ambiente e uma mídia não se sobreponha ao outro.

Muitas escolas enfrentam a falta de infraestrutura e escassez de materiais, seja de manutenção ou didático, o que compromete o ensino-aprendizagem dos estudantes. Diante

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

dessas condições, como é possível promover mudanças significativas nas suas vidas a ponto de ainda mantê-los acesos em sua esperança? Como fazer do ensinar e do aprender algo que agregue sentido para suas existências?

Talvez um dos caminhos possíveis seja aproximar a escola do cotidiano vivido pelos estudantes e isso a Geografia é capaz de realizar com maestria, já que é a ciência que estuda o espaço geográfico e as relações ali existentes. Para Milton Santos (1978), o espaço geográfico é o resultado da história e suas relações sociais, do passado e do presente, e que se apresenta de forma desigual, por meio do campo de forças que nele atuam. Entender as forças que agem nesse espaço pode contribuir para que novas relações de produção e reprodução espaciais sejam possíveis, sendo estas alinhadas à coletividade e fundadas no respeito às realidades desses estudantes.

Ao trazer a realidade cotidiana dos estudantes e suas relações sociais para o interior das salas de aula é possível que a Geografia Escolar esbarre em suas bases epistemológicas, pois a Geografia muitas vezes se encontra ancorada em uma prática positivista, nomeada de Geografia Tradicional. Souza (2011) sustenta que este modelo de ensino-aprendizagem se limita à memorização dos elementos que compõem as paisagens e as relações entre o homem e a natureza, ignorando os saberes presentes no meio escolar, que são bastante significativos para os estudantes.

É comum ainda, em sala de aula, o uso de práticas que pouco contribuem para a formação de sujeitos sociais, como, por exemplo, o ensino-aprendizagem direcionado para memorização de conceitos e exercícios em forma de testes, ambos constituídos de jogos com perguntas e respostas, que pouco colaboram para a compreensão da realidade. Esse uso se afina com as exposições de Kaercher (2014), que os tem como técnicas modernas usadas como vernizes, enfeites e cores para a mesma prática. Acrescenta-se ainda o hábito da leitura rasa dos livros didáticos, os quais podem ser uma potente ferramenta de análise. Se mapas, fotografias, textos e gráficos fossem tratados com tensionamentos e reflexividades, a leitura de mundo seria outra. Kaercher (2014) reforça a importância dessas outras formas textuais presentes nos livros didáticos, pois promovem um exercício imprescindível para a Geografia: a educação do olhar, isto é, educar o olhar no sentido não apenas de ler o que está posto, mas a partir disso tensionar

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

o que está inscrito, para borbulhar outros pensamentos através do olhar (Oliveira Jr. 2009; Desidério, 2017; Melatti e Tonini, 2023).

Exercícios repetitivos e testes automáticos dificilmente contribuem para expandir o pensamento, incentivar a criatividade e a autonomia, muito menos para conectar os estudantes às suas próprias experiências. Por isso, há de se pensar em outras abordagens da Geografia que façam mais sentido para o entendimento do espaço que os rodeia.

Para Souza (2011), atualmente a Geografia Humanista tem ganhado força entre os geógrafos brasileiros, por ter suas bases na fenomenologia e no existencialismo, o que possibilita outras maneiras de interpretar a realidade, uma vez que o modelo humanístico considera o estudante como sujeito, e são as suas vivências definidoras dos conteúdos a serem ensinados e aprendidos em sala de aula.

Dessa forma, ensinar Geografia carece compreender os territórios em que esses estudantes estão inseridos, para que eles próprios possam atuar nesses locais, de modo a promover mudanças desejáveis. Por isso se torna interessante a perspicácia do professor durante uma aula – ao capturar o que acontece ali naquele espaço, reconhece a sala de aula tal como é, um ambiente dinâmico e vivo. Assim, a partir de um breve acontecimento em que haja algum envolvimento dos estudantes, capaz de tocá-los e de fazê-los sentir-se parte do contexto, o professor captura a atenção para o tema proposto.

Dessa maneira, quando o conteúdo a ser tratado na aula é estartado por um acontecimento gerado pelos estudantes provoca um estímulo que se desdobra em sensações físicas e emocionais, as quais identificamos como emoção. No vídeo *O que é uma aula?*, Deleuze (2015, 0min55s) comenta: “uma aula é tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção não há nada, não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente”. Nessa lógica, uma simples bolinha de papel jogada no cesto do lixo pode ser o início de uma conversa. O professor sabe que um comentário despretensioso pode se desdobrar em um leque de possibilidades. Questões como “você é atleta?”, “gosta de esportes?”, “é comum as pessoas jogarem o lixo em espaços adequados?”, “aqui no bairro há muito lixo?”, “que tipo de lixo?”, “muito material

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

descartável?”, estimulam respostas que podem repercutir em opiniões diversas e diálogos em sala de aula.

É possível observar que quando situados em um ambiente mais acolhedor, as interações são nutridas por um acontecimento. Por isso, Deleuze (2015) enfatiza que é importante ter um público variado em sala de aula, permitindo sentir o deslocamento dos centros de interesse e estes, ao pularem de um lugar para outro, formam um tecido esplêndido, uma espécie de textura em uma aula. Múltiplas opiniões estimulam a aula, fazem a aridez de um conteúdo programático se aproximar do ambiente vivido pelos estudantes. O papel amassado em formato de bola e lançado ao cesto de lixo pode se desdobrar em diversos temas geográficos: crise climática, consumismo, desmatamento, questões agrárias, desenvolvimento industrial, entre tantos outros assuntos.

As possibilidades de atravessamento de uma aula podem partir de temas transversais como cidadania, ética e ambiente, por exemplo, além de atividades multidisciplinares que promovam a interação entre os professores dos vários componentes curriculares. Temas transversais fazem parte dos documentos normativos da educação básica, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998) e se mantêm na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018).

Exemplo pode ser trazido pelo encontro com a Arte, como uma das ciências que conduz ao movimento de ensinar e aprender Geografia por outros meios. É nela que se encontra a música, tão íntima e companheira desses sujeitos muitas vezes esquecidos nos porões da escola. Para Soares e Tonini (2021), a música no ensino de Geografia pode produzir experiências que atravessam o estudante, possibilitando que a escola seja um espaço de aprendizagem onde a expressividade de si permite a elaboração de mundos mais significativos. Os estudantes, destacam as autoras, ao terem acesso às tecnologias digitais, se deparam com uma infinidade de letras e ritmos que compactuam com suas realidades. São diversos gêneros musicais que versam sobre várias temáticas geográficas e contribuem para a compreensão do espaço geográfico.

Relacionar a música à Geografia pode fazer os estudantes perceberem os espaços em que estão inseridos e possibilitar o entendimento de que são sujeitos capazes de se reconhecer

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

e de se compreender nesses espaços. Ensinar e aprender Geografia através da música aproxima o estudante da escola, porque é uma Geografia que valoriza a experiência e os estimula a atuar nesse campo de disputas que se estabelece no espaço geográfico, instigando-os para que possam refletir e se apropriar dos territórios até então dominados, seja seu país, cidade, bairro ou escola.

Ao trazer os recursos didáticos – mapas, música, fotografias entre outros – mesmo como repetição, realiza-se a tentativa de fraturar a clássica divisão entre o novo e o antigo, para outros modos de operar com eles. Nesta forma de abordar os recursos existe um espaço profundo, é ali que explode a criação. É um ato transgressivo que causa ruptura dos códigos hegemônicos de utilização, por meio do qual os recursos didáticos saem da ordem estabelecida para serem usados de outros modos. Como considera Albuquerque Jr. (2019), trata-se de uma repetição diferencial: as ideias (recursos) colocadas em novas situações tornam-se outras.

Se pensarmos a escola como território de formação social do sujeito estudante, a sala de aula precisa mobilizar o pensamento cortante para ter sensibilidade com a diversidade que a envolve, desde os corpos que a habitam tal como o que acontece no mundo, pois o estudante também se torna um sujeito do resultado daquilo que é arrastado para sala de aula.

Borbulho 2– Transformações recentes na educação brasileira: qual é o lugar e o papel do ensino de geografia?

Disputas de território fazem parte do cotidiano da maioria dos estudantes das escolas públicas do país, principalmente para os que vivem nas periferias das grandes cidades. Assim, é pertinente pensar o conceito de território considerando a visão de Haesbaert (2004), segundo a qual a origem latina da palavra *territorium* apresenta duas dimensões relevantes no tempo: a material, referindo-se a terra, lugar, espaço físico; a simbólica, que alude a terror, medo. Pode-se considerar então o território como espaço de poder dominado ou apropriado, dependendo das relações ali existentes.

São diversos os territórios em que os estudantes transitam, entre eles o espaço escolar. A escola é um território de disputas de poder, que permanece muito mais dominado que apropriado pelos que a fazem existir, ou seja, os estudantes, professores, merendeiras e toda a comunidade escolar. Por outro lado, talvez os atores do ambiente escolar não se sintam

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

pertencentes a este território, por isso Girotto (2018) sugere que pensar a escola como um território é enxergar a potência que nela reside, por meio dos encontros, sonhos, partilha, ideias e conflitos. Para ele, essa potência que é o território escolar se materializou com as ocupações realizadas pelos estudantes nos anos de 2015 e 2016³, momento em que se intensificou uma consciência crítica já presente entre eles, ao vivenciarem com mais clareza o poder da dominação e a opressão a que vinham sendo submetidos, mobilizando-se para lutar pelo território que lhes pertence por direito — a escola.

No período em que ocorreram tais ocupações, o tempo-espço foi preenchido com palestras, debates, filmes, teatros, esportes e diversões. Os estudantes se dividiram em grupos para organizar as tarefas que iam desde a limpeza das salas de aula até a elaboração das refeições. Assim, conseguiram em um curto espaço de tempo algo que em anos não foi possível, tornaram-se autônomos, solidários e pertencentes ao seu território.

As ocupações das escolas mostraram como o território escolar pode sair de uma situação de dominação para a apropriação do espaço e, sendo o território um campo de disputas, é importante situar as forças que atuam nesse embate.

No contexto, uma das formas de dominação atuantes no território escolar perpassa a lógica neoliberal, que emprega como formas de controle o currículo padronizado, as plataformas digitais, as avaliações externas e tantos outros instrumentos normativos, sendo que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, documento vigente nas escolas do país, se amálgama às diretrizes estabelecidas nas esferas estaduais e municipais, enquadrando o planejamento docente por meio das plataformas digitais.

Para pensar o currículo padronizado e nele o planejamento docente, remetemos ao caso do estado do Paraná, em que o governo, por meio da Secretaria Estadual de Educação – SEED, acomoda numa mesma plataforma digital o planejamento anual, composto por conteúdos elegidos para cada aula, disponibiliza as competências e habilidades estabelecidas na BNCC, o desenvolvimento da aula com materiais didáticos e, também, exercícios a serem desenvolvidos para os estudantes. Desse modo, com um simples clique na tela o sistema apresenta as

³ Para mais aprofundamento a respeito das Ocupações das Escolas, ver: ROCHA, D. L. Ocupação das escolas em 2015 e 2016: uma breve análise da forma e do conteúdo da ação dos estudantes. **Revista Sociologia Plurais**, v.6, n.1, p. 61-86, jan. 2020.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

informações da aula, como os objetivos, os conteúdos e a aula a ser “transmitida”. Em tese, todos os estudantes recebem a mesma aula em determinado dia/mês/trimestre.

O Registro de Classe Online (RCO), “é um sistema disponível para os professores da Rede de Ensino do Paraná com planos de aula específicos para as disciplinas e séries, sugestões pedagógicas e encaminhamentos metodológicos. Pelo RCO os professores podem fazer também o registro on-line de frequência” (SEED-PR, 2025). Assim, o planejamento em formato digital é acessado pelo professor, que não apenas se submete aos conteúdos elencados pelo Estado, mas tem comprometido o planejamento dos objetivos e estratégias de estudo de suas aulas.

Tem-se assim que o professor se torna um mero instrutor, um executor de tarefas, como define Giroto (2016), alienando-se do processo de ensino-aprendizagem, o que é bastante preocupante, já que as escolas, assim como as salas de aulas, são constituídas de uma ampla diversidade cultural. Dessa maneira, o ensinar e o aprender se distanciam da criação e se alinham à lógica neoliberal, tornando-se engessados e inflexíveis.

Nesse contexto é fácil compreender como as políticas neoliberais penetram os microespaços, entre eles o setor educacional — a escola, atuando em benefício próprio e negligenciando os saberes ali existentes. O Estado se torna um facilitador ao possibilitar que as políticas públicas educacionais tenham o setor privado como colaborador, ampliando a cooperação público-privada de modo que a ação neoliberal por meio dessa relação utiliza-se, segundo Ball (2020), de empresas multinacionais do setor educacional e da filantropia para penetrar com o capital nesse ambiente atualmente lucrativo.

Um exemplo citado por Ball em seu livro *A Educação Global S/A* (2020), é sobre como o capital privado tem atuado nas áreas pobres da Índia e ofertado educação com preços reduzidos. Escolas privadas para pobres são abertas com auxílio de microempréstimos e de grandes corporações que, juntamente com o Estado, atuam em forma de redes, articulando essa relação entre público-privado.

Assim, Ball (2020) ainda ressalta a educação assistida para pobres como uma realidade no país, consistindo em um único professor, que tem sua aula gravada e disseminada para várias escolas e estudantes pobres. Além do mais, as empresas vinculadas ao setor educacional

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

possuem um aparato de serviços na área da tecnologia da informação empregados nos estabelecimentos escolares. Desse modo, há de se questionar se estaria o Brasil seguindo essa mesma lógica de educação implantada na Índia.

Os países ditos menos desenvolvidos, segundo Ball (2020), são os mais suscetíveis aos ditames das políticas educacionais neoliberais e o Brasil se insere nessa configuração. Com o aval do Estado, as empresas privadas no setor educacional começam a atuar nas escolas públicas brasileiras, com seus inúmeros *softwares*, materiais didáticos e tantos outros insumos (Figura 1) que vão sendo aplicados rotineiramente nas escolas do país, além de supostamente prestar assessoria ao Estado para desempenhar um ensino “eficiente”. Exemplo pontual é a implementação da gestão da escola pública por esferas privadas, como é o caso do estado do Paraná⁴, em que a escola pública inicia seu processo de gerenciamento pela iniciativa privada.

Figura 1 – Plataformas Educacionais



Fonte: Secretaria Estadual de Educação do Paraná - SEED, 2025.

Essas transformações na educação brasileira são reflexo da conjuntura mundial e das práticas do neoliberalismo facilitadas com a Pandemia da Covid-19 e pela Reforma do Ensino Médio que, ao adentrar o tecido das escolas, afetam não somente a maneira de ensinar e apreender, como também as relações humanas ali existentes. Agregado às políticas públicas nacionais vem um pacote de posturas que, segundo Giroto (2018), promovem um estado de

⁴ Para uma análise mais detalhada, ver: FONSECA, M. G. O. da; RUPPEL, J. de F. I.; LIMA, M. F. A privatização da Educação paranaense: Projeto Parceiro da Escola. **J. Pol. Educ-s**, Curitiba, v. 17, e93643, 2023.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544

 Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

vigilância nas escolas, seja por meio das avaliações externas, plataformas digitais, currículo padronizado, precarização do trabalho docente, entre outros tantos dispositivos utilizados pelo poder público, em parceria com os grupos empresariais no setor da educação, que engessam sujeitos e saberes.

Afirma ainda Girotto (2018) que mudar apenas o currículo ou inserir metodologias novas, tornando as escolas cada vez mais tecnicistas, não vai resolver os problemas atuais nas escolas públicas, muito menos padronizar o currículo, como prática na implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A estrutura física do espaço escolar deveria ser transformada para abrigar esse novo modelo de escola. O usual discurso difundido é a ideia de escola que acompanha as transformações da sociedade, maquiando por meio dessas tecnologias digitais uma realidade dura no país — a precariedade de suas instalações.

As escolas públicas, salvo algumas exceções, estão degradadas. São ventiladores danificados, lâmpadas queimadas, carteiras quebradas, salas superlotadas, trabalho docente precarizado, em contraposição aos “modernos” softwares. As salas de aula se apresentam sem estrutura, mas possuem um aparelho de TV para “transmitir”⁵ o conteúdo elaborado pelo Estado e que, ao mesmo tempo, aliena professores e estudantes no processo de construção do conhecimento. Como esse tipo de ensino-aprendizagem pode contribuir para a formação de sujeitos sociais? Como professores e estudantes podem tencionar essa estrutura construída fora da escola e injetada no interior das salas de aulas?

Esse modelo de educação segrega cada vez mais o estudante da escola pública, negligencia seu modo de vida, seu cotidiano e as relações que se estabelecem na comunidade onde estão inseridos, além de não reconhecer as próprias dificuldades enfrentadas pelas populações menos favorecidas para permanecer na escola e ter direito a uma educação de qualidade. Tal sujeição encontra seu ponto de atrito no embate realizado por meio da atuação dos professores que reconhecem o valor da escola pública gratuita e de qualidade e, diante desse

⁵As aspas em “transmitir” tem sentido de estranhamento por ser uma ação mecânica, sem interações, como o uso da televisão para as aulas elaboradas pela SEED-PR. Ressaltamos a importância de uma aula estar para além do repasse de conteúdo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

entendimento, estimulam que as vozes dos estudantes sejam ouvidas, a fim de trazer as suas realidades para o interior das salas de aula.

Vozes estudantis podem ser ouvidas se elas apresentarem fundamentos consistentes em suas abordagens, por isso, o trabalho dos professores em sala de aula tem um papel construtivo na formação do exercício de cidadania. As rodas de conversa com os estudantes, com os colegas professores e demais funcionários podem ser estratégias de cooperação, na tentativa de melhorar as condições físicas das escolas.

A Associação de Pais e Mestres, o Grêmio Estudantil, os Sindicatos e o Conselho Escolar são organismos hábeis para reivindicar melhorias no ambiente escolar à secretaria de educação, de vez que se faz urgente propor soluções aos problemas estruturais das escolas como, por exemplo, a instalação de um simples bebedouro no pátio escolar, por reivindicações de um grupo de estudantes do ensino médio, que trouxe benefício para todos os que convivem na escola.

Os momentos oportunizados na formação continuada de professores poderiam ser aproveitados também para reflexão e tomada de decisões diante da precariedade estrutural das escolas. Entretanto, o assunto tão inerente ao cotidiano escolar é silenciado, os encontros se voltam para o ranqueamento das escolas ancorado pelas avaliações externas e a inserção de novas práticas pedagógicas, entre elas, o treinamento de plataformas digitais e metodologias ativas.

Talvez o caminho para fraturar o roteiro estabelecido nas formações continuadas perpassasse pelo tensionamento das necessidades da escola, colocando o poder em disputa. Para Foucault (1988), o poder se exerce em meio a relações desiguais e móveis e está em toda parte e em todos os lugares. As resistências emergem nessas relações pautadas pelo campo de forças e são elas que podem apresentar um horizonte que também contemple o cotidiano das escolas nos encontros de formação docente. Sugerir leituras, assim como documentários que exibem as transformações nos espaços escolares pode ampliar a discussão e possibilitar quiçá uma ação que mobilize a consolidação de uma escola com espaços apropriados para a produção do conhecimento. Além do mais, os textos ofertados aos professores nas formações continuadas muitas vezes estão distantes da realidade vivida em sala de aula. Muitos teóricos no campo da

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Geografia produzem uma escrita que se aproxima da realidade escolar, mas essas não chegam até as mãos docentes.

Uma educação que despreza o conhecimento construído nos espaços escolares diversos, precariza o trabalho docente, joga para as margens a possibilidade da autonomia e emancipação dos estudantes. Assim, torna-se importante questionar: qual é o lugar e o papel do ensino da Geografia neste cenário?

Compete à Geografia, como ciência que tem o espaço geográfico como objeto de estudo, assim construído e reconstruído pela ação humana, compreender como as relações de força ali operam, diante de uma premissa de que é possível a ela atuar na formação de sujeitos que se compreendem no espaço em que vivem. Assim, podem transformar suas realidades, mesmo quando se trata de uma educação que funciona pela lógica da eficiência, das políticas neoliberais e que despreza a capacidade de estudantes e professores de construir conhecimento.

Talvez se faça necessário criar fissuras, fraturar o currículo e permear os microespaços que atravessam o cotidiano desses estudantes para conhecer o seu entorno e tornar possível compreender como operam as relações de poder existentes naquele ambiente. Se nas ocupações os estudantes se sentiram pertencentes ao território escolar, um modo de retomar essa conexão está em oportunizar as ações realizadas naquele momento, ou seja, atividades que contemplem jogos, filmes, esportes, música, palestras, debates que se aproximam dos interesses dos estudantes e da comunidade, podem fazer da Geografia uma ciência de maior relevância no processo de ensino-aprendizagem.

Os estudantes, ao compreenderem, por exemplo, as causas do odor vindo do córrego que atravessa o bairro onde vivem, talvez consigam ter entendimento de como operam as relações de poder existentes naquele ambiente. Tal compreensão conflui com o pensamento de Martins (2007) que compreende a Geografia como o estudo da realidade. Sem um estudo fundado na realidade torna-se complexo entender a Geografia. Logo, a abordagem geográfica começa a partir da cognição sobre o contexto no qual esses estudantes estão inseridos no ambiente escolar.

A Geografia é uma das ciências oportunizadoras de outras miradas, que se confluem com os espaços vividos pelos estudantes, possibilitando-lhes o vislumbre de outros horizontes,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

sendo que o ensino de Geografia pode possibilitar outras maneiras de fazer educação, porque reconhece a produção da ciência também na horizontalidade, isto é, no “chão da escola”. É nas “coisinhas do chão”, como expressa Giordani (2019), que o ensino de Geografia tem o papel de desacomodar sujeitos, trazer significado para as suas existências e de promover mudanças em uma sociedade opressora, que nega direitos e desrespeita as diferenças. Nessa mesma lógica, Kaercher (2014) considera que “cabe ao professor jogar luz em cantos pouco iluminados, estimulando o aluno a ver o que até então estava obnubilado, passar pano naqueles recantos empoeirados pelas certezas, dogmatismos e tabus” (p. 131).

Diante da complexidade atual das escolas públicas no país, onde os embates atuam por meio de relações de forças desiguais, cujo sistema opera por meio do controle e da vigilância, suprimindo espaços criativos como as bibliotecas, padronizando currículos, é preciso resistir, pois a possibilidade da existência se funda na resistência. Por isso, fazer com que os estudantes se sintam pertencentes ao território escolar e aptos a combater as forças que o dominam, de modo a se apropriar e (re)territorializar o espaço que lhes pertence por direito, é garantir suas existências. Cabe aos estudantes e à comunidade escolar como um todo apropriar-se da escola para fazer dela um ambiente menos competitivo e mais solidário.

O conhecimento precisa ser construído para e com todos os membros da escola. Ela urge cumprir a sua função de formar sujeitos autônomos e emancipados, aptos a agir em defesa de uma sociedade mais justa e igualitária!

A luta pela educação que transforma vidas é uma afirmativa válida e deve persistir, apesar das forças atuantes na escola colaborarem para a crença na impossibilidade de esperar. É significativo lembrar o brilho existente em cada ser que compõe o tecido escolar e fazer dele potência, capaz de enfrentar as forças que oprimem.

Talvez seja necessário remeter aos movimentos dos vaga-lumes que, mesmo quando a luz dos holofotes tenta ofuscar seu brilho, seguem piscando (Didi-Huberman, 2009) e seus lampejos são capazes de iluminar a mais profunda escuridão e trazer a luz do conhecimento para aqueles que se sentem oprimidos, desvalidos de direito e esperança. Seguimos resistindo e ocupando nosso lugar por direito — a escola!

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Da chegada sem encerrar

As ações que operam nas escolas públicas do país caminham em dissonância com a efetivação de uma educação pública e de qualidade. As políticas neoliberais atuantes nesses ambientes regulam os currículos por meio de uma padronização do ensino-aprendizagem, comprometendo a formação de uma sociedade diversa, sendo perceptível a sua influência ao ver o ambiente escolar sendo transformado e alinhado por instrumentos dessa lógica neoliberal.

A transformação do espaço escolar para ajustar as regulações dos currículos oficiais, entre eles, as normativas da BNCC e a Reforma do Ensino Médio, transformam e subtraem os espaços destinados à leitura e outros ambientes antes pertinentes ao convívio social.

A diversidade existente nas salas de aulas das escolas públicas do país se encontra estremecida e aglutinada por meio de um ensino pasteurizado. Diante desta situação, como promover um ensino-aprendizagem com algum significado para a realidade dos estudantes que frequentam essas escolas?

Uma das possibilidades para atomizar esse ensino homogeneizado é trazer para as salas de aula a realidade vivida pelos estudantes, proporcionando-lhes compreender os territórios por eles transitados, despertando-lhes a potência de sua apropriação. Nesse sentido, a Geografia é uma ciência auxiliar no entendimento alusivo aos territórios, inclusive quando trata do ambiente mais afinado com o seu cotidiano, o território escolar.

Mobilizar os estudantes na construção de um conhecimento que faça sentido para suas realidades requer um esforço descomunal do professor. As péssimas condições de trabalho, as duplas e triplas jornadas, os pífios salários, as exigências cada vez mais avolumadas de uma docência eficiente traduzida em multitarefas constituem um fenômeno que para Han (2015), gera uma atenção ampla, mas rasa, ocasionando uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, subtraindo o aprofundamento contemplativo e a capacidade de criação. Além do mais, as limitações ao ingresso em um curso de mestrado e doutorado compatíveis com licença remunerada e/ou a obtenção de bolsa de estudos impedem o professor de vislumbrar novos horizontes e ampliar seu conhecimento.

Imersos nesse espiral de precarização do trabalho os professores seguem suas jornadas visando a contribuir para formação de sujeitos que se compreendem no espaço, isto é, nos

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

territórios vividos. Talvez seja possível romper com essa lógica que transforma a escola em um ambiente de negócios lucrativos e sequestra a capacidade dos estudantes de se esperançar. A Geografia é a ciência que pode possibilitar o vislumbamento de novos horizontes e, talvez, a consolidação do que já foi realizado com as ocupações das escolas.

Portanto, envidemos esforços para descortinar um horizonte menos opressivo e caminhar por uma realidade em que justiça e igualdade se entrelacem para a transformação social, para que a escola cumpra a sua função de formar sujeitos autônomos e autorais, capazes de agir em defesa de uma sociedade mais justa e igualitária, na compreensão de que a sala de aula não tem somente a preocupação de explicar o conteúdo, mas abrange como os conteúdos tem também um uso produtivo para perturbar a ordem advinda do currículo normatizado, à medida em que são colocados em novas situações, assumindo outros sentidos.

Todas as borbulhas trazidas neste texto tiveram a intenção de estabelecer pensamentos contributivos para gerar paradas cortantes nas práticas escolares. São pensamentos que não devem ser lidos como receitas pedagógicas, mas entendidos como reflexões possíveis de serem realizadas.

Referências

ALBUQUERQUE JR., D. M. **O tecelão dos tempos**. São Paulo: Intermeios, 2019.

BALL, S. J. **Educação Global S/A**. Novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Trad. Jane Brindon. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**, Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

COULDRY, N. Cultural studies – can we/should reinvent it? **International Journal of Cultural Studies**, v. 23, n. 3, p. 292-297, 2020.

DESIDÉRIO, R. de T. **Composições e afetos com fotoáfricas**: exercícios de pensamento na educação geográfica. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

DELEUZE, G. **O que é uma aula**. Entrevista concedida a Claire Parnet. Facebook, 2015. Vídeo (01min33s). Disponível em: <https://www.facebook.com/share/v/12LMWobhcuz/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FONSECA, M. G. O. da; RUPPEL, J. de F. I.; LIMA, M. F. A privatização da Educação paranaense: Projeto Parceiro da Escola. **J. Pol. Educ-s**, Curitiba, v. 17, e93643, 2023.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I** – a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIORDANI, A. Geografia Escolar: Neoliberalismo, Necropolítica e as coisinhas do chão. **Revista Eletrônica Educação Geográfica em Foco**, ano 3. N.6, out.2019.

GIROTTO, E. D. Dos PCNS a BNCC: O Ensino de Geografia sob o Domínio Neoliberal. **Geo UERJ**, n. 30, p. 419-439, Rio de Janeiro, 2016.

GIROTTO, E. D. Entre o abstracionismo pedagógico e os territórios de luta: a base nacional comum curricular e a defesa da escola pública. **Horizontes**, v.36, n.1, p. 16-30, Itatiba, 2018.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Bertrand Brasil, 2004.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

KAERCHER, N. A. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia Crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

LAROSSA, J. B. **Abcdário**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5FtY1psRoS4&t=389s>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 2 ed. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MARTINS, E. R. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, n. 21, p. 33-51, São Paulo, 2007.

MELATTI, C.; TONINI, I. M. Para onde nos transportam as fotografias de sustentabilidade ambiental? **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 27, p. 1-17, 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, W. M.. Grafar o espaço, educar os olhos - rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, v. 20, p. 7-19, 2009.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

PARANÁ. Secretaria de Educação. **Acessar Registro de Classe On-line da Rede de Ensino**, Curitiba, Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/servicos/Educacao/Professores-e-servidores/Acessar-Registro-de-Classe-On-line-da-Rede-de-E ensino-RCO-JGoM5vo0>. Acesso em: 25 jun.2025.

ROCHA, D. L. Ocupação das escolas em 2015 e 2016: uma breve análise da forma e do conteúdo da ação dos estudantes. **Rev. Sociologia Plurais**, v. 6, n. 1, p. 61-86, jan. 2020.

SANTOS, M. **Por uma Nova Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SOARES, K; TONINI, I. M. Ensino de Geografia, permeando territorialidades juvenis pela música. In: CASTROGIOVANNI, A. C; TONINI I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. **Movimentos para Ensinar Geografia**. Goiânia: Alfa Comunicações, 2021.

SOUZA, V. Fundamentos teóricos, epistemológicos e didáticos no ensino de Geografia: bases para formação do pensamento espacial crítico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 47-67, 2011.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MELATTI, Cláudia; TONINI, Ivaine Maria. Borbulhos cortantes na Geografia Escolar. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122517, 2025.

Submissão em: 31/12/2024. Aceito em: 10/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons